**O QUE PODE UM DEVIR CURRÍCULO QUE NÃO DESEJA DISCIPLINAR?**

Talita dos Santos Malheiros Gregorio

*Doutoranda em Educação pelo PROPED- UERJ/* RJ

Rafaela Rodrigues da Conceição

*Doutoranda em Educação pelo PGEDU- FFP-UERJ/* RJ

Eneida Leão Teixeira

*Doutoranda em Educação pelo PROPED- UERJ/* RJ

Resumo

O presente texto tem por interesse *‘versentirouvirpensar’* um devir currículo para além das disciplinas que engessam há tantos anos as *‘práticasteorias’* dos tantos *‘dentrofora’* dos cotidianos escolares. Por meio das artes que potencializam novas formas de percepção do mundo, destacamos os artefatos culturais que se transformam em artefatos curriculares e que incorporam no seu *‘saberfazer’* imagens, sons, ruídos, modos de existir e *‘conhececimentosignificações’* tão presentes nas redes educativas e na vida de pessoas comuns. Nesse sentido, entendemos que as artes são potentes e abrem caminhos para paisagens nunca antes visitadas ou experimentadas. Que rompem os limites disciplinares, criam ações curriculares inéditas e instauram currículos-desobediências e currículos-arteiros que desaguam travessuras e experimentações. Isto é, engajam ações e propostas que possam contribuir para a busca de novas poéticas e linhas de fuga tão necessárias para vidas que se definem coletivamente.

Palavras Chaves: Currículo, cotidianos, artes, linhas de fuga.

Se submeter a um regulamento, às disciplinas; impor uma ordem, se acomodar, impor formas de *‘saberfazer’* ... o que seriam dos currículos; assim mesmo no plural; se se afastassem dos consensos e tentativas de controles e fossem apenas vivenciados a partir de mundos possíveis em meio às imprevisibilidades cotidianas? Como despertar em nossos estudantes novos modos de *‘verouvirsentirpensar’[[1]](#footnote-1)* (ALVES, 2019) o mundo se relacionando de forma mais colorida, curiosa, leve e criativa? Como as artes podem contribuir para esse encontro com o novo, que rompe as barreiras disciplinares e disciplinantes, que escapa às normas por vezes descabidas?

Pocahy (2013, p. 58) nos alerta que

talvez nos falte pensar mais a respeito da ética (no sentido da relação com a liberdade), da estética (a construção das formas, expressões e do contorno da existência) e das políticas (como jogos sensíveis ou dramáticos sobre as disputas nas formas de governar e viver em sociedade).

Muito sabemos o que faltam, mas como criar novas *‘práticasteoias’* para além do que vivenciamos há séculos? Nesse movimento do *‘versentiouvirpensar’*, nos torna necessário observar as poéticas cotidianas que se apresentam como potências, afetações que se encontram nas entrelinhas das generalizações. Como atenção aos entremeios, às surpresas e às criações que fogem de toda e qualquer regulação.

Poéticas como relações e encontros entre territórios distintos e *‘saberesfazeres’* diversos, mas que se complementam em processos de subjetivações e, talvez, não planejados de antemão. Poéticas como resistências e “fluxos desejantes libertários” (GALLO, 2009, p. 34) de novas ações coletivas.

Caminhos, que nos levam aos cotidianos, onde pisamos em “territórios movediços” (SOARES, 2010, p. 57) que fazem de nossas existências danças singulares como práticas sociais coletivas. Cotidianos, que lidam com a banalidade da vida comum, com as rotinas e hábitos, e percebem que, mergulhados com todos os sentidos em suas complexidades, a vida pulsa, se transforma e abre possibilidades de criações e “agenciamentos” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 18) múltiplos, encontros inusitados, conexões intensas, evasões, rupturas e combinações que desviam da obviedade.

É estar atento aos movimentos, às desterritorializações, aos processos de reterritorializações, às linhas de fuga e circulações de intensidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011) que empurram as certezas para cada vez mais longe dos currículos engessados, excludentes, e traz um devir, um devir currículo que rasga, revoluciona, rompe e amassa métodos e formas fixos.

Nesse sentido, entendemos que as artes e os tantos artefatos culturais são potentes. São caminhantes que vão em outras direções e que fazem morada em lugares e paisagens nunca antes visitadas ou experimentadas. Pois ao romperem com uma lógica hegemônica de pensar nos coloca em conversa com as nossas redes e uma multiplicidade de “pessoas comuns” (CERTEAU, 2014), que são como “máquinas de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 2012) dos seus *‘corposmentes’[[2]](#footnote-2)*. Que rompem os limites disciplinares, criam ações curriculares inéditas e instauram currículos-desobediências e currículos-arteiros que desaguam em cores, travessuras e experimentações.

Currículos que desejam escutar outras vozes e sons, sentir outros aromas, degustar outros sabores cotidianos e tocar superfícies e texturas singulares. Currículos que se refazem a cada conversa e afetações. Currículos que não se incomodam com as mudanças de rumos e paisagens. Um devir currículo criança que talvez só queira se divertir e sonhar; brincar com o desconhecido; descobrir caminhos possíveis; voar de paraquedas e ziguezaguear pelas ruelas. Um currículo de pé descalço, sem uniformizações, que arrastam a poeira do chinelo e brincam com sua poeira.

Currículos que se constituem nas múltiplas conversas cotidianas, que abrem *‘espaçotempo’* para o não pensado previamente, para as criações do instante que surgem diante do imprevisível. Currículos miúdos, que brotam na potência do mínimo – currículos menores (GALLO, 2003).

As retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras de ‘situações de palavras’, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular ‘lugares-comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’ (Certeau, 1994, p. 50)

Tais currículos exigem um corpo aberto para *‘verouvirsentirpensar’* o *‘espaçotempo’* da escola e fora dela, de si mesmo e do outro. Tiram docentes e discentes da zona de conforto do programado para um território novo, inexplorado e muitas vezes inquietante. E o que seriam das artes sem essa inquietação diante do mundo e de si?

Se “a vida não basta”, como disse o poeta Ferreira Gullar, é nela que as artes vão encontrar sua inspiração para existir, resistir e “transver o mundo”, como nos ensinou Manoel de Barros. E é nos cotidianos *‘dentrofora’* da escola que as artes encontram as multiplicidades, a pluralidade que foge ao hegemônico e abre espaço às diferenças (DELEUZE, 1995). Um devir currículo que é criação coletiva que se atualiza a cada encontro, a cada prosa, conversa, escuta, espiada. Que vê nas entrelinhas um achado, que age como um forasteiro, que navega por mares, becos e escadas íngremes.

As *‘práticasteorias’* utilizadas para *‘aprenderensinar’* nas escolas para além das disciplinas, articulando múltiplos *‘conhecimentossignificações’* abrem novos caminhos para se pensar todo esse processo. Para tanto, é preciso estar atento; com todos os nossos sentidos; ao que os cotidianos *‘dentrofora’* dos *‘espaçostempos’* escolares nos oferecem e suas relações com as múltiplas redes que formamos e que nos formam. Ligados àquilo que se fala, se mostra, que é de interesse comum, que faz sua aula a partir de uma fala e outra, que vê nos encontros um currículo que está por vir, que nasce a cada instante.

Nesse movimento, concordamos com Palasmaa (2011, p.11) quando ele afirma que o nosso corpo nos faz lembrar quem somos e onde nos localizamos no mundo, sendo nosso “próprio local de referência, memória, imaginação, interação.” É por meio dele que podemos reconfigurar as nossas percepções para aquilo que escapa ou destoa, para tudo o que pode vir a ser um desvio ou potência, para as tantas cenas que se sobrepõem e que permitem várias camadas e movimentos curriculares.

Se admitirmos as artes como movimentações e extensões rizomáticas que buscam transver o mundo em alternativa à sociedade espetacularizada, encontramos linhas de fuga para um devir currículo desejante por criação de outras realidades, expandidas, que abre possibilidades para a criação de vidas alargadas e novas formas de existências.

Em “O Quarto Iconoclasmo” (2001, p. 33), Arlindo Machado nos apresenta uma visão alternativa à “sociedade do espetáculo”, sobre a qual vale refletirmos:

Aprender a pensar com as imagens – mas também com as palavras e os sons, pois o discurso das imagens não é exclusivista, e sim integrador e multimídia – talvez seja a condição *sine qua non* para o surgimento de uma verdadeira e legítima civilização de imagens e do espetáculo.

Na civilização que Arlindo Machado apresenta, as artes se integram ao devir currículo? Podemos pensar ainda mais além, em relação aos cotidianos escolares, além das disciplinas? Não só como espectadores, mas também como personagens principais, como professores e estudantes *‘aprendendoensinando’* por meio de narrativas e artefatos científicos e culturais como possibilidades de articulação entre *‘saberesfazeres’*?

As questões são inúmeras e não cabe a nós, *‘praticantespensantes’* nos cotidianos, tecermos as respostas ou receita que funcione em todos os contextos, talvez, quem sabe, fazer mais e mais perguntas amplie a perspectiva dos modos de agir, pensar, falar, escutar e amplie nosso campo de escuta?

Referências

ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas* – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia, v.1. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 17-49.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Sobre alguns regimes de signos. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia, v. 2. São Paulo: Ed. 34, 2011. p. 63-113.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia, v. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012. p. 115-118.

GALLO, Silvio. A Vila: microfascismos, fundamentalismo e educação. *In*: GALLO, Silvio; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Fundamentalismo e Educação – A Vila*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 17-35.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.27, n. 2, jul./dez. 2002.

MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro : Rios Ambiciosos, 2001.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele*: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

[POCAHY, Fernando.](http://lattes.cnpq.br/0341333007755425) Por um direito ao devir: derivas de uma educação libertina. *In*: DORNELLES, Priscila Gomes; GIVIGI, Ana Cristina Nascimento (Orgs.). *O Recôncavo Baiano sai do armário*. Universidade, gênero e sexualidade. 1. ed. Cruz das Almas: EDUFRB, 2013. p. 55-66.

SOARES, Conceição. Sabedoria e ética para “salvar a própria pele”. *Educ. Soc*., Campinas, v. 31, n. 110, p. 57-71, jan.-mar. 2010.

1. No decorrer deste texto, a escrita de algumas palavras aparecerá unida, em itálico e entre aspas simples porque consideramos que as dicotomias limitam o desenvolvimento das pesquisas com os cotidianos. Por vezes, algumas palavras também aparecerão invertidas em relação ao modo como são ditas hegemonicamente, para mostrar a multiplicidade dos cotidianos com os quais vivemos, nos formamos e pesquisamos. [↑](#footnote-ref-1)
2. Em nosso grupo de pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons, entendemos que o corpo e a mente constituem o ser humano, sendo a mesma substância de afetação, cognição e sentimentos. Impossível separá-los da conexão com as potências da vida. [↑](#footnote-ref-2)